

O luto de comunidades vitimadas a partir das mulheres: Um olhar sobre Brumadinho

Paulo Henrique Laurencio dos Santos¹

Resumo: A violência sistêmica faz vítimas inocentes e impactam a comunidade profundamente. O processo de libertação e superação do sofrimento gerado passa muitas vezes pelo emudecimento, pelas lágrimas, até mesmo pelo desespero e a falta de esperança. O luto experimentado por comunidades vitimadas pela injustiça é vivido de modo muito peculiar pelas mulheres que, com muita fidelidade, tornam-se fortes mesmo quando estão fragilizadas e vulneradas. A partir, principalmente, do pensamento de Carlos Mendoza-Álvarez sobre o tema, por meio de pesquisa bibliográfica, busca-se aqui ler o processo de luto vivido pelas vítimas da tragédia-crime de Brumadinho fundamentalmente na perspectiva das mulheres daquela comunidade e, à luz da comunidade cristã primitiva, perceber como é possível passar desse luto à luta. Ao final, faz-se ver que de fato as mulheres da comunidade, assim como o foi na comunidade cristã primitiva, desde seu modo profundo de processar os acontecimentos aos gestos de cuidado de corpos de vítimas mortas e de seus sobreviventes, encontram forças a partir da causa que permanece viva. A partir do grito que denuncia, o luto cheio de pranto vai se convertendo em luta que gera engajamento comunitário, traduzido em poesia e celebração, refazendo a esperança perdida no meio da comunidade.

Palavras-chave: Luto. Mulheres. Brumadinho. Luta. Carlos Mendoza-Álvarez.

INTRODUÇÃO

O presente artigo faz parte de uma pesquisa mais ampla que busca compreender o processo de superação vivido pela comunidade vitimada de Brumadinho. Trata-se da dinâmica “compreender e valorizar”, evidenciando aquilo que é sinal de esperança para aquela comunidade e que pode ser também para outras que sofrem de modo semelhante. É nesse sentido, tratando-se de uma reflexão com referências na antropologia cristã, que o modo de superação vivido na comunidade cristã primitiva se faz paradigmático e, de modo especial, o papel fundamental das mulheres, fiéis testemunhas diante da cruz e primeiras testemunhas da ressurreição. Desejamos fazer ver que tal processo vivenciado na comunidade primitiva ilumina e confirma o vivido hoje, especificamente em Brumadinho, por comunidades vitimadas, impulsionadas pela força de suas mulheres, embora tão impactadas.

De tal modo, seguimos uma pesquisa bibliográfica que tem como referência básica a obra de Carlos Mendoza-Álvarez, *A ressurreição com antecipação messiânica: luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes*, dada sua seriedade e pertinência com nosso tema trabalhado. E, para trazer presente as vozes das vítimas de Brumadinho, de modo especial,

¹ Formado em direito, pela Faculdade Dom Helder; em filosofia, pelo ISTA; graduando em teologia pela FAJE. Bolsista do PIBIC (CNPq), no projeto “As interfaces da antropologia na teologia contemporânea”, sob orientação do Prof. Geraldo Luiz De Mori. E-mail: paulolaurencio@yahoo.com.br

a realidade de suas mulheres, serão considerados os artigos e testemunhos autênticos produzidos pelos próprios grupos de atingidos, diretamente ou por meio de alguma organização.

E para se chegar ao que se objetiva neste trabalho, num primeiro momento se buscará ver um pouco da experiência vivida pela comunidade de Brumadinho, em especial, o testemunho das mulheres. Depois, um olhar ao modo de viver o luto das mulheres da comunidade cristã primitiva, que passou fundamentalmente pelo cuidado com o corpo da vítima aniquilada e a continuidade de sua causa, apesar do medo e da dor. E em um último momento perceber como que se verifica na comunidade de Brumadinho, impulsionada pelo testemunho das mulheres e seu modo de ser fiel mesmo na dor, sinais de esperança e ressurreição, servindo de testemunho para outras comunidades que também são vulneradas nos dias de hoje.

1 ALGUMAS VOZES DE BRUMADINHO

Na segunda metade de maio de 2023, o Corpo de Bombeiros Militar de Minas Gerais fez uma exposição sobre os resgates na tragédia criminoso de Brumadinho (EMERGÊNCIA, 2023). Ao mirar o painel com as fotos das vítimas fatais, o número de mulheres era significativamente menor. Mas ao exibirem os áudios das primeiras ligações pedindo socorro, algo nas vozes femininas chamava atenção e despertava o interesse de observar como as mulheres de Brumadinho viveram e ainda vivem o drama que lhes foi imposto. Uma intuição, na verdade, de certo modo já resguardada por tantas entrevistas e imagens de encontros, celebrações e protestos.

Se dentre as 272 vítimas fatais, 212 eram homens, ao olhar parte do perfil desses homens, já se pode perceber também o perfil de seus sobreviventes: muitas mães, esposas e filhas (AEDAS, 2021a). Realidade que fez ser muito bem-vindo o monitoramento de gênero dentre as vítimas, ajudando a constatar algumas importantes realidades. Em um primeiro momento, pode-se verificar uma excessiva demanda por medicamentos psicoterápicos entre as mulheres (enquanto, entre os homens, isso se deu em relação a álcool e drogas) (FERREIRA, 2022, p. 4). E no primeiro semestre de 2019, meses imediatos ao crime da Vale, o número de tentativas de suicídios cresceu, especialmente entre as mulheres (GOULART, 2020, p. 16).

Além do sofrimento psíquico em si, como sintoma das múltiplas perdas simbólicas e concretas, o sofrimento das mulheres se conecta àqueles de cunho social. Embora todos tenham sido impactados pelas consequências, segundo a Aedas (Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social), “o ocorrido aprofundou as desigualdades sociais e econômicas, de modo a colocar as mulheres atingidas em situação de maior e extrema vulnerabilidade” (AEDAS, 2021b). Em um ciclo vicioso e violento, as mulheres sobreviventes, além de terem que dar conta de toda dinâmica familiar, comprometida emocional e economicamente, ainda se tornam vítimas de alguns familiares que transformam a ferida causada pela Vale em violência doméstica.

Mas se são as mulheres que se veem diante da cruz até o fim, uma cruz que vai se perpetuando seja por conta dos males que a empresa continua causando ainda hoje ou pelas consequências presentes nas relações familiares, são as mulheres as primeiras a testemunharem e resistirem ante os primeiros e menores sinais de ressurreição. O primeiro passo: tomando consciência do abandono vivido enquanto vítimas, começam a se reunir e a partilhar a vida e também a promover debates e iniciativas de recomeço. As mulheres não agem sozinhas assim como também não foram impactadas sozinhas, mas elas são essa semente de esperança que anima e impulsiona, apesar de muitas vezes serem injustamente interrompidas em seu marchar.

A título de exemplo, numericamente, sobre o protagonismo político das mulheres, apontado pela equipe de monitoramento de gênero, elas representam 68,91% das participações nos Grupos de Atingidas e Atingidos, 56% nas reuniões de Agentes Multiplicadores, 66,03% nas comissões e 74% nos intercâmbios (AEDAS, 2023b). As Rodas de Diálogos, por exemplo, onde as mulheres representam 70,6% dos participantes, “são espaços muito importante, onde as mulheres se sentiram à vontade para trazer um pouco da realidade em que vivem e perceber que os danos causados pelo rompimento da barragem não são só individuais, mas também coletivos”, afirma Rayssa Neves, da equipe de mobilização. E completa: “São problemas que acontecem nas suas casas, nas casas das suas vizinhas, amigas e familiares” (AEDAS, 2021b).

Então, é vencendo todos aqueles sentimentos de dor e morte de um trauma inicial que, reunindo-se enquanto comunidade, as mulheres parecem ir transformando destruição em recomeço. E sabendo que a luta não é linear, mas cheia de curvas e retrocessos, que acabam por tornar o luto um trabalho constante e impossível em um mundo que não para de gerar vítimas. No entanto, as lágrimas, o lamento e a dor podem ser transformados, exatamente quando o luto vai se convertendo na causa das vítimas, assim como aconteceu na comunidade cristã primitiva, quando os gestos singelos e corajosos das mulheres foram essenciais nos primeiros raias de esperança que fizeram os discípulos se reencontrarem em memória.

2 O LUTO DAS MULHERES NA COMUNIDADE DE JESUS

Carlos Mendoza-Álvarez, por meio de seu livro *A ressurreição como antecipação messiânica*, ajuda-nos a refletir sobre o que se passa com as vítimas de hoje a partir do que se passou com a comunidade cristã primitiva. A partir de uma antropologia cristã, que é a nossa perspectiva, essa chave de leitura se faz muito adequada.

A comunidade cristã do sec. I viveu a traumatizante experiência de ter seu líder tão próximo ser assassinado de um modo terrível, seja pela truculência física seja pelo seu caráter simbólico. Então, diante do impacto que esse evento teve na vida do grupo, foi preciso aprender a desenvolver uma estratégia de memória, que tinha em consideração relatos da ausência marcante do crucificado. “Essa ausência tornava-se presença durante a simbolização

e ritualização da palavra e das obras do rabi Jesus a cargo de algumas mulheres e seus discípulos mais próximos” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p.145).

Nessa perspectiva, um possível recorte é o de analisar o luto vivido pelas mulheres da comunidade jesuânica principalmente a partir do evangelho de Marcos, conforme faz Carlos Mendoza-Álvarez. Quer dizer, a experiência da comunidade cristã primitiva nos ilumina para reler a experiência de passagem “do luto à luta” hoje, de modo amplo; e isso também é possível se olharmos um dos modos como as mulheres viveram seu luto naquela comunidade e que nos ajuda a perceber o que se passa nas comunidades de mulheres vulneradas hoje, de modo muito especial, no que se passa na comunidade de Brumadinho. Isso é possível, na perspectiva assumida neste trabalho, porque assim como se passou na comunidade cristã primitiva, algo análogo se passa hoje quando os sobreviventes da violência recordam seus mortos (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 145).

Mendoza-Álvarez trabalha o luto das mulheres como parte do Kerygma. E, recorrendo ao trabalho de algumas pesquisadoras feministas, destaca que várias mulheres “vão ao túmulo para viver o luto e têm uma experiência pela qual sabem que Jesus crucificado não está ali, que ressuscitou”. E também afirma que “um aprofundamento nos ritos de luto e, sobretudo, na lamentação que forma parte deles, pode nos ajudar a aprofundar no tema e compreender melhor como estão as mulheres na origem da tradição kerigmática” (BERNABÉ UBIETA, 2010, *apud* MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 265). Edward Schillebeeckx também afirma que do “ponto de vista bíblico-antropológico, existe íntima relação entre o estatuto da mulher e a morte: a lamentação, o choro, a unção do falecido, o cuidar do local onde o falecido foi sepultado, tudo isso era confiado a mulheres” (SCHILLEBEECKX, 2018, p. 342).

As pesquisas arqueológicas também confirmam rituais de luto, a cargo das mulheres, em túmulos do século I, em particular onde se venerou desde cedo o túmulo de Jesus. E, as pesquisas aprofundam ainda na linha da antropologia social o papel do luto na rememoração dos defuntos na cultura hebraica e grega da época, acentuando o papel das mulheres nesse âmbito também na comunidade de Jesus. Assim, o autor conclui que todos esses elementos “permitem afirmar com toda plausibilidade o papel decisivo das mulheres da comunidade de Jesus – através de rituais de luto, lágrimas, memória e tradição oral – na conformação da fé na ressurreição que se condensou no kerygma” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 266).

No entanto, não deixa de chamar a atenção o modo como o relato original, de Marcos, termina, como se o medo e a desobediência das mulheres se opusesse ou sobrepusse à mensagem da boa notícia da ressurreição. Entre outras possíveis interpretações, interessamos destacar que tal novidade requeria uma nova linguagem que nem as mulheres nem os demais discípulos estavam em condições de articular com palavras num primeiro momento.

De tal modo, foi preciso que se vivesse “de modo comunitário – em meio a tensões e conflitos de interpretação – um processo de assimilação da ausência-presença de Jesus assassinado para compreender o que tinha acontecido”. Foi a partir daí, desse processo, que “esse grupo de pessoas em luto pode começar a compreender também o que lhes estava acontecendo

como comunidade em dispersão” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 270). Segundo os relatos dos evangelistas, esse processo de luto foi progredindo durante a fuga para a Galileia, quando a chave de interpretação passou a ser a releitura das escrituras (de sua história, que é de fé) e o partir o pão (gesto de profunda memória).

Ao destacarmos da obra de Carlos Mendoza-Álvarez esse estudo, principalmente do evangelho de Marcos, buscamos, como o autor, “recuperar o significado antropológico e messiânico do testemunho das mulheres” no contexto da ressurreição “que sejam significativos para qualquer outra comunidade em luto pelo aniquilamento dos inocentes” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 264). As mulheres, preocupadas com os cuidados com o cadáver, que faz parte da vivência do luto, fazem uma experiência que as deixa assombradas.

A morte de Jesus se deu às vésperas do Shabbat, o que esclarece o rápido sepultamento sem os tradicionais cuidados com o corpo que, como vimos, ficava a cargo das mulheres. “A impossibilidade de cumprir com as prescrições judaicas para enterrar os mortos, faz com que as mulheres aguardassem que passasse o dia do ritual de descanso para iniciar a cerimônia funerária de Jesus, começando primeiro na mesma noite do dia sagrado”. É nesse ponto que “os relatos dão conta de uma experiência assombrosa, descrita por aquelas três mulheres que foram ao sepulcro: o túmulo está vazio, o cadáver não está aí” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 272).

3 AS MULHERES DE BRUMADINHO TAMBÉM TESTEMUNHAM A RESSUREIÇÃO

Do evangelho de Marcos se pode concluir que a partir do mais básico dentro da vivência do luto, geralmente a cargo das mulheres, que é o cuidado de corpos vulnerados e aniquilados, uma experiência profunda foi vivida. Inicialmente sem palavras, foi preciso a vivência comunitária que permite fazer memória dos gestos e palavras, relendo o texto da escritura e partindo o pão. Nesse processo, seja no sentido antropológico seja no sentido bíblico da encarnação, a passagem do luto à ressurreição (o lampejo de esperança) passa pelo corpo, do justo morto, vítima da ganância. E as mulheres, seja do tempo de Jesus seja de nosso tempo, ou ainda mais especificamente de Brumadinho, nos ajudam a vivenciar essa realidade com profundidade.

Na busca pelo corpo, assim como fizeram as mulheres da comunidade cristã, Mendoza-Álvarez recorda a busca travada por “mães centro-americanas e mexicanas ‘procurando tesouros’, destacando a fala de uma mãe que deixa claro: “nós não buscamos cadáveres, buscamos tesouros” (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p.68). Em Brumadinho, fala-se de “272 joias”, deixando transparecer a dor que se converte em algo muito valioso e sinal de transformação. Há, no acompanhamento de mães de pessoas desaparecidas, no enfrentamento de fossas clandestinas com corpos, o claro desejo de poder enterrar seus filhos e se viver o luto de modo justo. O desejo de dar sepultura, como parte do luto e desejo de dignidade (MENDOZA-ÁLVAREZ, 2020, p. 62-65).

Se tomamos relatos das vítimas de Brumadinho, em especial os de tantas mulheres, ainda no tempo das buscas iniciais e mesmo depois, no sofrimento daqueles corpos que demoraram mais tempo para serem encontrados, vimos um processo de luto iniciado com o fato do aniquilamento de seus entes e depois, quando a esperança já estava perdida, o sofrimento na busca pelos corpos sob a lama que formava uma grande vala comum (GOULART, 2020, p. 44 e 151).

E nesse meio, ainda precisavam lidar com tantas outras situações desrespeitosas: “Roberta não conseguia se conter na reunião. O corpo do seu marido, irmão de Ana Paula, não tinha sido encontrado, Ana Paula tinha acabado de enterrar o marido e eles estavam colocando preço para aquelas vidas” (GOULART, 2020, p. 50). E mais:

Roberta se revoltava vendo algumas postagens nas redes sociais, tinha vontade de escrever para os defensores da empresa que eles deveriam vir até a casa dela e tentar explicar para seus filhos o que a empresa tinha feito com o pai deles. E nada, nenhuma notícia de encontrar o corpo de Luciano. Mas Roberta não iria desistir” (GOULART, 2020, p. 51).

Somado a isso, além da preocupação com seus mortos, as mulheres geralmente são as mais impactadas no cuidado por aquilo e aqueles que permanecem. Sofrendo poli traumatismo (existencial, físico, afetivo...), ainda assim são as primeiras a se levantarem para recordar, partilhar, exigir justiça e celebrar a vida.

É possível perceber que algo do que se passou com as mulheres, na busca pelo corpo de Jesus e o assombro, precedido por lágrimas e desespero, também pode ser verificado entre as mulheres de Brumadinho, quando vivem a ressurreição a partir da transformação do luto aniquilador em militância na causa de seus mortos. Os números apontados anteriormente, a partir dos monitoramentos de gênero, ajudam a perceber que no meio de toda morte algo começou a florescer; a partir da memória que as mães fazem e ensinam seus órfãos a fazerem, a vida começa a ter poesia. A partir da memória, da celebração comunitária, da luta por justiça, uma experiência de ressurreição é vivida; algo especial acontece, mesmo em meio a tantas tentativas de suicídio, que gera vida cada vez que as vítimas da violência recordam seus mortos (REPÓRTER RECORD INVESTIGAÇÃO, 2021).

Não é por acaso, como fez muitas vezes a comunidade cristã que ficava em Jerusalém indo à vala ou túmulo onde seu mestre fora posto (SOBRINO, 2000, p. 95-96), que todos os anos a comunidade de Brumadinho segue em romaria (AEDAS, 2023a). Embora feito em comunidade, não é difícil perceber o protagonismo das mulheres na tomada de consciência de que, no meio da lama, há vida brotando a partir da memória e atualização da luta. Ainda que como um grão de mostarda, a ressurreição já pode ser percebida e, então, anunciada. Mas sem esquecer que a luta continua.

CONCLUSÃO

Assim, conforme se pode verificar pelos testemunhos, números e fatos, somadas às reflexões de Carlos Mendoza-Álvarez, as mulheres possuem papel fundamental no seio da comunidade vulnerada. Elementos culturais e históricos corroboram para isso, além da sensibilidade e modo de se ver o mundo, como o é, por exemplo, o das mães de filhos desaparecidos e violentados por um sistema injusto.

Se por um lado as mulheres se mostram as mais atingidas pelas consequências e efeitos de eventos traumatizantes, são elas as que conseguem dar passos de resistência e iniciativas de esperança, de modo comunitário. Os próprios testemunhos da ressurreição na comunidade cristã primitiva permitem observar esse papel impulsionador das mulheres a partir de sua coragem e iniciativa, e que não é diferente nos dias de hoje, considerando as mudanças histórico-culturais.

Apesar da importância das mulheres no meio da comunidade de sobreviventes, muitas vezes elas são vítimas de seus próprios pares que, ao invés de reconhecimento, reproduzem a violência sofrida por parte do grande sistema nas relações familiares. De tal modo que, é preciso ampliar o reconhecimento das mulheres como geradoras de transformação e ressurreição nos dias de hoje, inclusive em Brumadinho, e fortalecer iniciativas como aquelas já evidenciadas pela AEDAS, evitando que as mulheres sejam duplamente crucificadas em realidades vitimadas pelo necropoder.

REFERÊNCIAS

AEDAS. *60 Jóias Mulheres foram vítimas fatais do rompimento da Vale em Brumadinho*. 09 mar. 2021a. Disponível em: <https://aedasmg.org/60-joias-mulheres-foram-vitimas-fatais-do-rompimento-da-vale-em-brumadinho/>. Acesso em: 04 set. 2023.

AEDAS. *2 anos do desastre | Rompimento agrava desigualdades entre homens e mulheres na região*. 05 NOV. 2021b. Disponível em: <https://aedasmg.org/2-anos-do-desastre-rompimento-agrava-desigualdades-entre-homens-e-mulheres-na-regiao/>. Acesso em: 04 set. 2023.

AEDAS. *Memória, Justiça e Esperança: confira programação de atividades para o dia 25 de janeiro*. 19 jan. 2023a. Disponível em: <https://aedasmg.org/programacao-4-anos-rompimento-brumadinho/>. Acesso em: 30 ago. 2023.

AEDAS. Capítulo 3: Dossiê Temático aborda o protagonismo político e social das mulheres atingidas no processo de Reparação Integral na Região 2. 04 ago. 2023b. Disponível em: <https://aedasmg.org/dossies-perfil-das-mulheres-atingidas-cap3-r2/>. Acesso em 25 ago. 2023.

EMERGÊNCIA. *Semana de Museus: Exposição fotográfica revela as faces da maior operação de busca e resgate do CBMMG*. 12 mai. 2023. Disponível em: <https://www.revistaemergencia.com.br/destaque/semana-de-museus-exposicao-fotografica-revela-as-faces-da-maior-operacao-de-busca-e-resgate-do-cbmmg/>. Acesso em: 04 set. 2023.

FERREIRA, Dom Vicente. Brumadinho, passar “do luto de cada um à luta comum”. *IHU*, 26 jul. 2022. Acesso em 26/08/2023: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620670-dom-vicente-ferreira-brumadinho-passar-do-luto-de-cada-um-a-luta-comum>

GOULART, Julia Castello. *Memórias de Brumadinho: vidas que não se apagam*. São Paulo: Autonomia Literária, 2020.

MENDOZA-ÁLVAREZ, C. *A ressurreição como antecipação messiânica: luto, memória e esperança a partir dos sobreviventes*. Petrópolis: Vozes, 2020.

REPÓRTER RECORD INVESTIGAÇÃO. Viúvas, mãe e filha têm sonhos e lembranças soterrados na lama da Vale. Youtube, 05 de fevereiro de 2021. Acesso em 26/08/2023: <https://www.youtube.com/watch?v=plSF5s0Ezz8>

SCHILLEBEECKX, Edward. *Jesus: A história de um vivente*. São Paulo: Paulus, 2018.

SOBRINO, J. *A Fé em Jesus Cristo*. Ensaio a partir das vítimas. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000. Tradução de Ephrain F. Alves. 1º cap.